

**Por um sopro de fúria e esperança:
uma declaração de emergência
climática**

A vida como a conhecemos só existe graças ao sopro. Todo ser vivo existe articulando sopros: respiração, digestão, comunicação, movimentos de percepção com o meio com o qual interage. É graças ao sopro e no sopro que habitamos, manejamos, acontecemos no mundo. Nascermos e nos revelamos como seres vivos com o nosso primeiro sopro. Uma vida se finda quando cessa o sopro. Um sopro é uma vibração incessante e incansável de fluxo de matéria com o mundo. Nós nos constituímos dos inúmeros sopros que nos antecederam. Sopros ancestrais nos guiaram e nos desenharam – desde quando éramos átomos, mitocôndrias, seres primordiais coabitando Gaia. Estar nessa imersão de sopros é participar de uma rede imensa de conexões em que a presença dos seres vivos determina e influencia o estatuto do meio. A atmosfera, a biosfera, a criosfera são a expressão de nossos sopros, ao passo que nossa vida é um fenômeno completamente ligado a elas, aos seus acontecimentos. E, por isso, somos capazes de transformar os ritmos de todas as existências.

Estamos na era das mudanças climáticas. Há mais de um século, sabemos que a queima de combustíveis fósseis e o desmatamento de florestas e outros ecossistemas poluem o meio ambiente e alteram a atmosfera. O efeito dessa poluição em larga escala cria instabilidade em todos os ecossistemas e lugares da Terra, como diagnosticado pelo Painel Intergovernamental para as Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês). É premente: somos um breve, brevíssimo, capítulo da história memorável da Terra, mas, nesse ínfimo tempo, dominamos quase tudo de vivo que há. Extinguimos espécies, destruimos ecossistemas, afetamos biomas. Nesse sentido, precisamos, para começo de

**By a breath of fury and hope:
a climate emergency declaration**

Life as we know it only exists thanks to the breath. Every living being exists articulating breaths: breathing, digestion, communication, movements of perception with the environment with which it interacts. It is thanks to the breath and in the breath that we inhabit, manage, exist in the world. We are born and reveal ourselves as living beings with our first breath. A life ends when the breath ceases. A breath is a ceaseless and untiring vibration of matter flowing with the world. We are constituted by the countless blows that preceded us. Ancestral breaths guided and drew us – since when we were atoms, mitochondria, primordial beings cohabiting Gaia. To be in this immersion of winds is to participate in an immense network of connections in which the presence of living beings determines and influences the statute of the medium. The atmosphere, the biosphere, the cryosphere are the expression of our breaths, while our life is a phenomenon completely linked to them, to their happenings. And, because of that, we are able to transform the rhythms of all existences.

We are in the era of climate change. For more than a century, we've known that burning fossil fuels and clearing forests and other ecosystems pollute the environment and alter the atmosphere. The effect of this large-scale pollution creates instability in all ecosystems and places on Earth, as diagnosed by the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). It is urgent: we are a brief, very brief, chapter in the memorable history of Earth, but, in that very short time, we have mastered almost everything alive that exists. We extinguish species, we destroy ecosystems, we affect biomes. In this sense, we need, in the first place, to assume the asymmetry of humanity in terms of responsibility for the risk of breaking the limits of the planet. We are indigestible bodies for a planet that

conversa, assumir a assimetria da humanidade na responsabilidade pelo risco de romper os limites do planeta. Somos corpos indigestos para um planeta que se comove e nos responde com catástrofes cada vez mais violentas.

É diante dessa voz não humana que se dirige a nós, contestando nosso poderio tecnoeconômico e nos convocando a sermos seus aliados, que a mostra “Por um sopro de fúria e esperança” se constitui. Sua vocação mais importante, assim desejamos, é a educação: como habitar um mundo sem romper os limites considerados seguros para a vida na Terra, a convocação de todas e todos para ações de transformação, a sensibilização sobre a emergência climática, o pensar/agir diante da necessidade de transição para uma economia livre de poluição. A mostra se organiza no MuBE a fim de intensificar e compartilhar elos e diálogos, já existentes, entre as reflexões, lutas, pesquisas e trabalhos de artistas, ambientalistas, cientistas e ativistas, em sua maioria brasileiros e latino-americanos, que se espacializam em cinco eixos provenientes de questões fundamentais para o debate sobre a emergência climática. São eles: águas, crítica aos modelos de desenvolvimento intensivo em carbono, queimadas e desmatamento, redesenho geográfico e agenda positiva de ações de adaptação, de resiliência e de enfrentamento no processo de transição para baixa emissão de carbono.

“A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho. É preciso imaginar outras formas de estar aqui. Assim, (...) entramos na esperança”, nos disse Ailton Krenak, escritor, ambientalista e líder indígena. Essas palavras invertem a responsabilidade humana. Não tratam de um mero desenho de boas soluções e invenções para seguirmos vivendo. Como imaginação, podemos pensar em nos livrar de uma perspectiva de mundo, na qual cremos que somos nós que

moves and responds to us with increasingly violent catastrophes.

It is in front of this non-human voice that addresses us, contesting our techno-economic power and calling us to be its allies, that the show “By a breath of fury and hope” is constituted. Its most important vocation, we wish, is education: how to inhabit a world without breaking the limits considered safe for life on Earth, calling everyone to take action for transformation, raising awareness about the climate emergency, thinking/acting given the need to transition to a pollution-free economy. This exhibition is organized at MuBE in order to intensify and share existing links and dialogues between the reflections, struggles, research and works of artists, environmentalists, scientists and activists, mostly Brazilian and Latin American, who are spatialized in five axes arising from fundamental questions for the debate on the climate emergency. They are: water, criticism of carbon-intensive development models, fires and deforestation, geographic redesign and a positive agenda for adaptation, resilience and coping actions in the transition to low carbon emissions.

“Earth can leave us behind and go on its way. It is necessary to imagine other ways of being here. Thus, (...) we enter into hope”, told us Ailton Krenak, writer, environmentalist and indigenous leader. These words reverse human responsibility. They are not a mere design of good solutions and inventions for us to go on living. As imagination, we can think of freeing ourselves from a perspective of the world in which we believe that we are the ones who define all the directions. It is necessary to let go of this arrogance and transform the we in the Anthropocene. As hope, we can perceive the construction practices

definimos todos os rumos. É preciso largar essa prepotência e transformar o nós no Antropoceno. Como esperança, podemos perceber as práticas de construção de um tempo futuro, um quase agora em urgência. Um tempo em que muitas mãos em comunidade atuam para amenizar nossa presença material. Um tempo para manejar o corpo com a terra. A esperança, como a propomos e percebemos nas narrativas aqui reunidas, não é uma sensação otimista ou passiva, tampouco a negação de um presente que se impõe. Esperança é a força que nos move a ações de construção de outras realidades, o que nos reivindica gestos de criação, o que nos faz romper a anestesia. A esperança, portanto, é alimentada pela fúria – o impulso de movimento, uma espécie de ímpeto de mudança profunda de atitude, de enfrentamento.

A humanidade sempre enfrentou catástrofes. Elas são sinais dos nossos tempos e têm a potência de nos apontar uma presença maior que nós, que pode nos ultrapassar. Cientistas, ambientalistas, ecólogos calculam riscos. Indígenas, ribeirinhos, quilombolas resistem e ensinam a enxergar o mundo sob outra luz. São diversas cosmovisões que observam e projetam eventos climáticos extremos, escassez crônica de água, avanço do mar sobre as costas, diminuição da produtividade de alimentos, extinção de espécies, refugiados climáticos, desaparecimento de povos e culturas. Há tempos já sabemos por muitas vias sobre nossos futuros. Mas a emergência climática configura um chamado a ser atendido de imediato. É preciso escutar, nos atentar a estes sopros da vida e, como diz o filósofo Emanuele Coccia, “fazer mundo, se fundir nele, e desenhar de novo nossa forma”.

of a future time, one urgent almost now. A time when many hands in community work to alleviate our material presence. A time to handle the body with the earth. Hope, as we propose it and perceive it in the narratives gathered here, is not an optimistic or passive feeling, nor is it the denial of an imposed present. Hope is the force that moves us to actions of construction of other realities, which demands gestures of creation from us, which makes us break the anesthesia. Hope, therefore, is fueled by fury – the impulse to move, a kind of impetus for profound change in attitude, for confrontation.

Humanity has always faced catastrophes. They are signs of our times and have the power to point out to us a presence greater than ourselves, which can surpass us. Scientists, environmentalists, ecologists calculate risks. Indigenous peoples, riverside dwellers, quilombolas resist and teach us to see the world in a different light. These are diverse worldviews that observe and project extreme weather events, chronic water shortages, the advance of the sea on the coasts, decreased food productivity, species extinction, climate refugees, disappearance of peoples and cultures. We have known for a long time about our futures. But the climate emergency sets up a call to be answered immediately. It is necessary to listen, pay attention to these breaths of life and, as the philosopher Emanuele Coccia says, “make the world, merge in it, and redraw our shape”.

<p>Inundação, 2021 (Instalação cenográfica de Ary Perez e Flavia Velloso)</p> <p>Projetado em 1986 por Paulo Mendes da Rocha, o piso elevado de concreto do MuBE já refletia sobre a questão do ciclo da água, ao captar a água da chuva para abastecer os espelhos d'água do museu. Nesta construção há um ciclo próprio de captação e de uso deste elemento, tão presente em vários dos projetos do arquiteto, que, por sinal, adorava Veneza e acreditava que a questão da "Ecologia" deveria ser enfrentada através da água.</p> <p>O MuBE foi erguido sobre uma área que originalmente era brejo, onde o lençol freático é muito próximo da superfície, contudo, por sua água ser contaminada não pode ser usada da forma como Mendes da Rocha desejava, como certa vez confidenciou o arquiteto. Sua ideia original, anterior ao piso elevado de concreto, era que esse próprio lençol freático alimentasse os espelhos d'água do museu.</p> <p>Mas as origens, de certa forma, sempre se fazem presentes. Como grande parte da área expositiva interna está no subsolo, para que não inunde em dias de chuva forte, há bombas que garantem o correto fluxo da água e há ralos e caminhos de escoamento por toda a área interna do MuBE, como se a água dominasse o local e pudesse percorrer todo o museu.</p> <p>Partindo dessas condições da origem, do fluxo interno das águas criado por Paulo Mendes da Rocha e de conversas com o arquiteto, foi concebida a instalação cenográfica "Inundação", que aborda um dos principais fenômenos das mudanças climáticas: o redesenho geográfico devido ao aumento do nível dos oceanos e das mudanças no ciclo das chuvas.</p> <p>Durante os primeiros 23 dias da mostra "Por um sopro de fúria e esperança", como uma provocação, o MuBE propõe o seu próprio redesenho geográfico, com o espelho d'água de sua entrada da Rua Alemanha seco,</p>	<p>flood, 2021 (Scenographic installation by Ary Perez and Flavia Velloso)</p> <p>Designed in 1986 by Paulo Mendes da Rocha, the MuBE's raised concrete floor already discussed the issue of the water cycle, by capturing rainwater to supply the museum's reflecting pools. This building has its own cycle for capturing and using this element, so present in several of the architect's projects, who, by the way, loved Venice and believed that the issue of "Ecology" should be tackled through water.</p> <p>MuBE was built on an area that was originally a marsh, where the water table is very close to the surface. However, because its water is contaminated, it cannot be used in the way Mendes da Rocha wanted, as the architect once confided. His original idea, prior to the raised concrete floor, was that this very water table would feed the museum's water mirrors.</p> <p>But the origins, in a way, are always present. As a large part of the indoor exhibition area is underground, in order for it not to flood on days of heavy rain there are pumps that guarantee the correct flow of water and there are drains and drainage paths throughout the internal area of the MuBE, as if the water dominates the location and could tour the entire museum.</p> <p>Based on these original conditions, the internal flow of water created by Paulo Mendes da Rocha, and conversations with the architect, the scenographic installation "Inundação" was designed, addressing one of the main phenomena of climate change: the geographic redesign due to the increase in the ocean level and changes in the rainfall cycle.</p> <p>During the first 23 days of the exhibition "For a Breath of Fury and Hope", as a provocation, MuBE proposes its own geographic redesign, with the water mirror of its entrance on Rua Alemanha drained,</p>
---	--

enquanto a grande sala do museu, que fica no subsolo, estará inundada.

Tratando-se ainda de uma exposição que aborda a questão ambiental, nesta instalação cenográfica todos os ciclos foram pensados: as palafitas onde os visitantes andam foram construídas com pallets usados, que depois retornarão a sua função primordial de transporte de cargas (seremos nós humanos uma carga muito pesada para o planeta?); a água da grande sala retornará para o espelho d'água (em tempos de crise hídrica, não pode haver desperdício) e a lona de plástico, deixada propositalmente aparente para nos lembrar dos mares tomados por este material, será reciclada, voltando a ser matéria-prima para a indústria. Pensar em nossos impactos e nos resíduos que produzimos é o primeiro passo para chegarmos a tão necessária e urgente sustentabilidade.

Através do manifesto de Declaração de Emergência Climática do MuBE, publicado na abertura da mostra, o museu reconhece a urgência do tema. Será somente através de uma grande mudança cultural, na forma de produção, de consumo e de enxergar o planeta que conseguiremos enfrentar os tempos incertos que nos aguardam a frente.

E que o “redesenho geográfico” apresentado temporariamente no museu, possa contribuir para a reflexão sobre um dos assuntos mais importantes do momento que, por se tratar de uma questão coletiva, precisa do reconhecimento, entendimento e engajamento de todas e todos.

while the great hall of the museum, which is underground, will be flooded.

As this is also an exhibition that addresses the environmental issue, in this scenographic installation all cycles were considered: the stilts where visitors walk were built with used pallets, which will then return to their primary function of transporting cargo (are we humans a load too heavy for the planet?); the water from the large room will return to the water mirror (in times of water crisis, there can be no waste) and the plastic canvas, purposely left visible to remind us of the seas taken by this material, will be recycled, becoming raw materials again for industry. Thinking about our impacts and the waste we produce is the first step towards reaching the much-needed and urgent sustainability.

Through the MuBE Climate Emergency Declaration manifesto, published at the opening of the exhibition, the museum recognizes the urgency of the topic. It will only be through a major cultural change, in the forms of production, consumption and of seeing the planet, that we will be able to face the uncertain times that lie ahead.

And that the “geographical redesign” temporarily presented at the museum can contribute to the reflection on one of the most important issues of the moment, which, as it is a collective issue, needs the recognition, understanding and engagement of everyone.